
Por que as mulheres precisam ser curadas? Reflexões sobre a produção midiático-científica do amor patológico¹

Francine Tavares²

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Este trabalho apresenta elementos de uma pesquisa em andamento sobre a normatização midiático-científica do sofrimento amoroso feminino. Por isso, busca, primeiro, refletir sobre o amor como uma emoção feminina e, segundo, sobre o modo como ciência e cultura midiática se retroalimentam na produção e no reforço de estereótipos emocionais de gênero. O caso analisado aqui é o quadro de amor patológico, no Brasil, e de love addiction, no exterior, patologia que vem sendo construída socialmente nessa combinação de esferas. Os primeiros achados indicam que, enquanto a ciência atua na produção das verdades sobre o doente de amor, a mídia facilita a compreensão dessas “verdades” por meio de estereótipos que colocam a mulher como a potencial consumidora de tratamentos e futuros medicamentos para tal finalidade.

Palavras-chave

Estereótipo emocional de gênero; patologização das emoções; amor patológico.

Introdução

“O amor pode ser uma doença?”³, questiona a jornalista Gláucia Chaves em matéria publicada no site do Correio Braziliense em julho de 2017. O título é complementado com a frase no imperativo: “Faça o teste e descubra se você ama demais”.

O texto segue a linha de tantas outras matérias publicadas em veículos e blogs brasileiros facilmente encontráveis nas buscas do Google. Uma introdução retomando algum filósofo ou poeta, exemplos de pessoas que sofrem do mal, diagnóstico orientado por especialistas (geralmente psicólogos e psiquiatras) e construção do perfil do possível doente. Esta, em especial, traz também um teste que se propõe a responder “Sou uma

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação e Cultura na ECO-UFRJ, professora de marketing e publicidade na UCB e no Instituto Infnet, pesquisadora do Núcleo de Estudos de Mídia, Emoções e Sociabilidade (NEMES) da UFRJ. Pesquisa a relação entre mídia, ciência e saúde na construção do amor patológico. E-mail: tavaresfrancine@gmail.com.

³ Disponível neste link:

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2017/07/16/interna_revista_correio,609825/o-amor-pode-ser-uma-doenca-faca-o-teste-e-descubra-se-voce-ama-demais.shtml. Acessado em 25 de janeiro de 2018.

Mulher que Ama Demais? ”. Dezoito perguntas e pelo menos três “sims” depois, um resultado: mulher que ama demais.

Poucas perguntas me pareceram estranhas neste momento em que já li a tese e a dissertação da psiquiatra brasileira autora do termo “amor patológico” Eglacy Sophia (2008, 2014), tenho acompanhado diversas matérias sobre o assunto e já escrevi sobre a nova patologia do amor e sobre o que os estrangeiros chamam de “love addiction” (EARP et.al, 2012, 2013, 2015 etc). Já acostumei meus olhos a lerem coisas como “prestar atenção demais ao parceiro” ou “baixa autoestima” como características da patologia do amor. Mas a pergunta “você pratica atos irracionais?” me chamou especial atenção no teste. Trata-se de reafirmar o lugar comum de oposição entre razão e emoção. E esse debate é essencial para a proposta deste trabalho.

Ao direcionar o conteúdo para um público-alvo específico e contrapor razão a emoção, o discurso do amor patológico reforça o estereótipo da mulher cujas emoções devem ser controladas, já que elas são inferiores às leis da razão, qualidade atribuída aos homens livres desde a Grécia Antiga.

No artigo intitulado “Adoecer de amor hoje: mídia, gênero e estereótipo emocional” (2017), analiso a matéria de capa da revista IstoÉ “O amor pode ter cura”⁴ (2014), a dissertação de Eglacy Sophia (2008) sobre o conceito de amor patológico, os artigos publicados pelo Centro de Neuroética de Oxford sobre love addiction e a proposta da droga antiamor pela perspectiva de gênero, questionando se o potencial consumidor da droga antiamor não seria a mulher.

O resultado do levantamento mostra que as produções científicas do Centro de Neuroética de Oxford, protagonistas mundiais do debate sobre love addiction e defensores da droga antiamor, não apresentam diferenciações de gênero explícitas. Entretanto, o caso mais indicado para uso da droga antiamor relatado pelos cientistas (EARP et. al; 2013) trata-se de situações de violência doméstica, que aflige sobretudo mulheres em situação de vulnerabilidade social, econômica, emocional ou apenas pela condição de serem mulheres. Além de questioná-los sobre as problemáticas que envolvem a medicalização não só das emoções, mas, especialmente, das emoções femininas, caberia ponderar os motivos da ausência de discussão sobre gênero em seus artigos. O abafamento de questões tão viscerais promove uma espécie de androgenização científica

⁴ Disponível neste link: https://istoe.com.br/356120_O+AMOR+PODE+TER+CURA/. Acessado em 25 de janeiro de 2018.

que faz parte de um projeto político de medicalização das emoções femininas a partir do reforço, ainda que velado, dos estereótipos emocionais de gênero.

Já a psiquiatra brasileira Eglacy Sophia realiza considerações em relação a questões de gênero em sua pesquisa. A mulher aparece logo na definição do que é amor patológico, inclusive no anúncio de recrutamento de voluntários para a pesquisa. Talvez como resultado do recrutamento enviesado ou por conta do interesse ensinado pela cultura terapêutica de que mulheres devem cuidar das suas emoções ou, ainda, por sofrerem mais desse mal do que os homens, a amostra da pesquisa de Sophia foi significativamente maior em número de mulheres (37 mulheres e 13 homens). Ainda assim, a psiquiatra não encontrou diferenças significativas em relação à personalidade e aos estilos afetivos de homens e mulheres. Para Sophia, alguns dos motivos que explicam o grande número de mulheres sofrendo de amor patológico são: criação na infância, com possibilidade de abandono emocional; demasiada importância dada a relações amorosas e maior capacidade de cuidar da saúde, elementos que levariam as mulheres a buscar mais ajuda do que os homens.

Sobre a maneira como a mídia brasileira tem mediado a relação entre ciência e sociedade quando se trata da temática de adoecer de amor, notei que a aparente necessidade de simplificação do discurso e a obrigatoriedade de representação do doente de amor parecem exigir uma identidade, uma forma, ou melhor, um estereótipo, isto é, uma forma sólida, na definição mais rudimentar da palavra. Quem entre o homem ou a mulher, numa lógica emocional binária, congregaria as características mais legítimas do que o senso comum entende de uma pessoa doente de amor? A mulher fragilizada cujas emoções exageradas precisam ser medicadas aparece nas personagens escolhidas para contar suas histórias, na flexão de gênero das palavras que se referem ao paciente e na própria imagem que ilustra a matéria de capa de uma das revistas de maior circulação no país. A linguagem, os exemplos e o formato sobretudo da matéria “O amor pode ter cura” configuram aquilo que João Freire Filho (2011) chama de jornalismo de autoajuda e funcionam como parte do que Francisco Ortega (2008) nomeia de “práticas de si cerebrais”. Essa ascende contemporânea, isto é, uma neuroascese, compõe tanto os clássicos de autoajuda da cultura terapêutica quanto as técnicas e as tecnologias que têm como objetivo melhorar a performance e o desempenho cerebral.

Para este trabalho, pretendo dar continuidade à reflexão sobre estereótipo emocional de gênero, mas, desta vez, partindo da hipótese de que o amor, desde a

modernidade, tem sido construído e sustentado a partir de uma noção de feminilidade. Sendo assim, busca-se questionar neste artigo as implicações promovidas por essa construção em relação à proposta de tratamento e cura do amor patológico. Para tanto, vou partir do conceito de amor proposto por Simon May (2012), do conceito de emoção proposto por Martha Nussbaum (2004) e das discussões sobre a relação entre emoção e feminismo propostas por Stephanie Shields (2010, 2013).

Sobre o conceito de amor

A segunda pergunta mais buscada no Google em 2016 foi “o que é amor?”. Conceituar o amor é uma das tarefas mais árduas de tê-lo como objeto de pesquisa. A sensação comum é de que o amor é aquilo para o que não se tem explicação. A filosofia, a ciência e as artes têm sido os lugares de produção de conhecimento mais interessados em pensar o amor, mas será possível que campos tão distintos compartilhem um entendimento comum sobre o que é o amor?

Os conceitos trazidos neste recorte parecem compartilhar elementos que alimentam a noção de amor como movimento ou força que motiva vinculação permanente com o outro. No livro “Amor, uma história” (2012), Simon May revisita importantes abordagens do amor ao longo da história com o objetivo de sustentar sua tese de que o amor é a nova religião do Ocidente. Mas não apenas isso. Ele contribui para o estudo dessa emoção também na perspectiva filosófica. May critica a resistência à conceituação do amor e propõe um conceito a partir da sua pesquisa. Para ele, amor é “o que sentimos por pessoas e coisas que inspiram em nós a esperança de uma fundação indestrutível para nossa vida”. De acordo com essa abordagem, amar seria encontrar um lar para nossa vida e para o nosso ser, sentir-se em casa com o outro, crer que o outro seja a fundação do nosso ser. Por fim, cabe dizer que amor é o sentimento que Simon May chama de “enraizamento ontológico”, sendo a ontologia (“onto” + “logoi” = estudo do ser) o ramo da filosofia que estuda a natureza do ser, seu significado, de que o ser é composto, os elementos essenciais que permitem a um Ser ser o que é.

Em relação às características essenciais do amor, May afirma que ele não é incondicional como julga o senso comum, ele pode parecer incondicional porque os valores que definem quão importante é o outro podem ser diferentes, mas o amor será sempre condicional ao sentimento de enraizamento ontológico. Enquanto a pessoa acreditar que o outro é fundamental para sua existência, existirá amor. Outra característica

é o fato do amor ser potencialmente contraditório (submisso e possessivo, egoísta e generoso, tenro e violento), isto é, na definição de amor proposta por May o amor não é apenas aquilo que promove bem-estar e felicidade. Por fim, o amor será sempre direcionado a algo externo, a algum outro, que pode ser uma pessoa, uma ideia, uma divindade, enfim, ele é sempre relacional.

Ao questionar se essa concepção de amor aparecia em outros lugares, fiquei surpresa ao notar que amor como “ligação entre eu e um outro”, “produção de um lugar comum”, “sensação de lar” e “desejo de permanência” eram crenças compartilhadas por filósofos de vários períodos e correntes, encontradas no Dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano, e presentes também em poesias conhecidas e na cultura popular contemporânea.

Em Santo Agostinho, por exemplo, a noção de amor ainda é a mesma dos gregos: uma espécie de relação, união ou vínculo que liga um ser ao outro, "uma vida que une ou tende a unir dois seres, o amante e o que se ama". Segundo Descartes, o amor "é uma emoção da alma, produzida pelo movimento dos espíritos vitais que a incita a unir-se voluntariamente aos objetos que lhe parecem convenientes." Para Sartre, querer ser amado significa querer ser a totalidade do ser, o fundamento dos valores, o todo e o infinito: isto é, o mundo ou Deus mesmo. No poema “Voar sem asa”, de Mário Quintana, “amar é voar sem asa, e, porque amar é acolhimento, amar é mudar a alma de casa”. A origem da frase “onde não pudes amar, não te demores” é duvidosa. Há quem reivindique a autoria para a atriz italiana Eleonora Duse, mas ela é frequentemente atribuída à pintora mexicana Frida Kahlo. Interessa trazê-la aqui pois se trata de uma das citações mais compartilhadas por internautas brasileiros que conjuga a ideia de amor e permanência.

Dentre as diversas possibilidades de filmes de romance que eu poderia escolher para falar de amor, trouxe uma citação de *Interstellar* (2014) em que a astronauta Amelia Brand, interpretada por Anne Hathaway, discursa sobre a impossibilidade de entender o amor, aquilo que a faz querer voltar para encontrar o homem que ama sem nem saber se ele está vivo ou morto. O momento em que ela fala “estou atraída por alguém do outro lado do universo” é apenas uma das ocasiões em que a razão científica é desafiada pelas emoções durante o filme, que apresenta a correlação entre comunicação e amor como

inerente ao fenômeno de “entrelaçamento quântico”⁵, modo pelo qual a comunicação entre o astronauta e sua filha se torna possível através do tempo-espaço.

Sobre o conceito de emoção

Professora da Universidade de Chicago, a filósofa Matha Nussbaum propõe uma noção de emoção em “Hiding from humanity: disgust, shame, and the law” (2004) interessante para pensar o amor como a crença de que o outro é fundamental para nossa existência.

Para sustentar a tese de que as emoções são julgamentos, desconstruindo a tradicional oposição entre razão e emoção que coloca as emoções em uma escala inferior à razão, Nussbaum elenca os motivos mais comuns que impediriam o reconhecimento da validade das emoções mediante uma avaliação jurídica, por exemplo, mas não apenas: o primeiro motivo seria o de que as emoções impedem o julgamento real dos acontecimentos por cegar e impossibilitar comportamentos equilibrados e racionais; o segundo motivo estaria ligado à ideia de que um julgamento sob a força da emoção é falso por estar relacionado a um fator externo ao sujeito sobre o qual não é possível haver controle. Dessa forma, condena-se não apenas a exclusão do valor atribuído aos elementos externos como reforça-se a crença de que o equilíbrio, a verdade e a vida boa seriam encontrados na própria interioridade do sujeito; o terceiro motivo de desconfiança em relação às emoções se refere à crítica ao caráter individualista das emoções. Segundo essa vertente de pensamento, as emoções estariam sempre relacionadas a entes próximos, o que indicaria sua insignificância em relação aos problemas de ordem pública e, portanto, sua insignificância política.

O próprio conceito de emoção que a autora trás, somado aos exemplos abordados por ela, dá conta de contrapor os motivos que desqualificariam as emoções. Para Nussbaum, emoção é julgamento, o que significa dizer que ela é constituída de razão. Ao contrário de impulsos como sede ou fome, a emoção está sempre relacionada a um objeto. O amor, que é uma das emoções elencadas pela autora, embora não seja o foco do livro trazido neste texto, é sempre sentido em relação a algo ou alguém. E, por isso, o amor pode ser descrito nos termos do objeto ao qual ele refere, embora muitas vezes alguns aspectos permaneçam ocultos, o que também compõe parte da crença de genuidade dessa

⁵ O entrelaçamento quântico é um fenômeno da mecânica quântica que permite que dois ou mais objetos estejam de alguma forma tão ligados que um objeto não possa ser corretamente descrito sem que a sua contra-parte seja mencionada.

emoção. A crença, aliás, é outro componente importante do conceito de emoção de Nussbaum. Elas são essenciais no processo de identificação das emoções e também de individualização. Como afirma a autora, “nós temos emoções apenas sobre o que já conseguimos investir uma certa importância em nosso próprio esquema de metas e finalidades” (NUSSBAUM, 2004, p. 29, tradução minha). Em síntese, as emoções são julgamentos individuais sobre os objetos aos quais elas se referem, mas esses julgamentos estão relacionados a crenças inscritas na cultura da qual fazemos parte.

Nesse sentido, as crenças podem ser verdadeiras ou falsas, apropriadas ou não ao objeto a que se referem e racionais ou irracionais. Ou seja, são as crenças e não as emoções que entram no regime de normatividade da razão, que, nos termos da nossa cultura, se define como aquela razão econômica nascida no berço da modernidade cujas raízes se fincam na filosofia platônica.

Entendendo o amor como a crença de que o outro é essencial para dar sentido à vida de alguém, é possível que o amante X continue amando o amado Y mesmo que Y não queira estar em uma relação amorosa ou que queira, esteja, diga que ama X e ainda assim agrida X física e verbalmente. Nesses termos, X poderia ser questionado não sobre se o que sente é amor, pois X sente amor – sente que o outro é fundamental para sua existência- mas sim, primeiro, sobre a qualidade racional da sua crença que implicaria em questioná-la em termos utilitaristas e econômicos. Esse amor não traz benefícios a X, esse amor impede X de viver sua vida profissional, esse amor não é útil para o bem-estar de X. São todos argumentos normativamente racionais que obedecem a uma lógica de retorno, de utilidade, que nem sempre sustentaram a crença do que é amar. Para esses argumentos, X pode afirmar que Y tem momentos de agressão, mas sempre se arrepende e na maioria das vezes é carinhoso. X também pode argumentar que Y ajuda no sustento da casa, na criação dos filhos, é uma segurança no lugar onde mora. Todos argumentos normativamente racionais.

É nesse sentido, aliás, que a antropóloga Maria Filomena Gregori vai analisar as cenas de violência doméstica denunciadas na cidade de São Paulo na década de 1990 no momento de criação do SOS Mulher. No livro “Cenas e Queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista” (1993), Gregori encontra um padrão nas entrevistas e queixas analisadas: os motivos de agressão são sempre externos às mulheres e estão relacionados aos comportamentos do marido, como uso bebida alcoólica, interesse sexual contrário ao da mulher, agressividade etc. e muitas mulheres

retiram suas queixas porque os maridos prometem mudar. As narrativas das cenas de violência revelam, segundo a antropóloga, um jogo no qual homens e mulheres assumem papéis específicos sendo as mulheres as vítimas e os homens os algozes. No fim, o que as mulheres parecem buscar não é o término do relacionamento, mas a reafirmação do seu lugar de vítima que é momentaneamente vitorioso com a promessa de mudança vinda do marido. Com isso, a mulher ganha o jogo de poder, ele cede, promete, muda o comportamento por dias, semanas ou meses até o jogo recomeçar. A narrativa da violência conjugal faz parte de um processo de “vitimologia feminina” que reforça o “estereótipo de fragilidade” da mulher. O que a professora de antropologia da Unicamp busca com sua análise não é, obviamente, culpar a vítima pela violência sofrida, mas explicitar que nessa relação de poder-parceria a perversidade da violência se dá na reafirmação do lugar de vítima e de fragilidade da mulher, que, para existir, exige o sofrimento do próprio corpo feminino. Mesmo sem concordar, é possível compreender a lógica do jogo descrito por Gregori em termos racionais.

Outra maneira de avaliar as crenças em termos de verdadeiro ou falso nesse mesmo exemplo seria questionando se o que X sente por Y é, de fato, amor ou X apenas crê que seja e, na verdade, é outra coisa como apego, carência ou outro nome que se dê quando a relação não atende às normas emocionais de determinada cultura. Mas, se partirmos da conceituação proposta por May (2012) e compartilhada por diversos filósofos de que o amor é aquilo que desperta a sensação de lar no mundo, um sentimento de que o outro é fundamental para nossa existência, ou, nos termos do próprio autor, aquilo que sentimos por quem “pode inspirar em nós uma promessa de enraizamento ontológico”, o julgamento externo de tal crença perde o sentido. Um psicólogo ou um psiquiatra, e mais recentemente um neurocientista, pode dizer que aquilo que X afirma ser amor na verdade é outra coisa e ainda assim X permanecer sentindo que é amor porque a crença de que a vida sem Y perde o sentido ainda está latente. Embora existam características mais ou menos acordadas culturalmente do que cada época e cada sociedade entende como amor, não é impossível impedir que alguém crie para si crenças do que significa amar, ainda que a partir dos elementos oferecidos pela cultura.

O que poderia acontecer nesse caso é X agir mediante a crença falsa ou verdadeira de que Y o ama. Aí sim seria possível tomar decisões emocionais racionais com base em crenças falsas, pois pode ser que Y esteja mentindo, enganando ou se aproveitando de X. Y diz que ama X, mas o agride física e verbalmente. X desconfia da veracidade dos

sentimentos de Y. Dias depois, Y se arrepende e diz que ama X, compra flores, faz café da manhã, sinais acordados culturalmente do que é amor. X volta a acreditar que Y o ama. Como o amor não está relacionado apenas a objetos humanos sendo possível amar ideias e lugares, por exemplo, que não seriam capazes de corresponder ao sentimento, não faz sentido exigir que a correspondência do objeto amado participe da definição do que é amor. De acordo com May, o amor é condicionado apenas à crença de que o objeto amado – apesar de todas as contradições e objeções – é fundamental para a existência de quem ama. Vale dizer que é possível, ainda, julgar crenças como verdadeiras ou falsas nos termos da enganação produzida pelo objeto amado ou em termos de imaginação ou alucinação. No primeiro caso, X pode amar Y porque acredita que Y tenha as características amáveis por ele, mas essas características são falsamente forçadas por Y, que não é aquilo que aparentava. No segundo caso, X cria imagens falsas de Y que não correspondem à realidade. É possível amar o Rio de Janeiro a partir da crença de uma cidade maravilhosa criada a partir das imagens das novelas da Rede Globo gravadas na vizinhança do Leblon e, depois, ao chegar na cidade e encontrar preços altos de aluguel e alimentação, violência urbana e problemas no transporte público, se dar conta de que suas crenças anteriores eram falsas, por exemplo, e deixar de amar o Rio.

Se o leitor aceitou até aqui que é possível que X ame Y mesmo sem ser amado, o que poderia significar ser agredida física e verbalmente, e que, ainda assim, é possível que essa emoção se manifeste em termos racionais e verdadeiros, ainda resta a terceira maneira de julgar uma emoção: por sua razoabilidade. Amar Y é apropriado para X? X sabe exatamente como Y é, não cria imagens falsas sobre X e continua amando Y. Como o arcabouço que ajuda X a avaliar e julgar suas emoções é criado? Quais crenças sustentam aquilo que X julga ser amável, isto é, fundamental para sua vida? De onde vêm essas crenças? Quais os efeitos dessas crenças na vida amorosa de X?

X apresentou argumentos racionais sobre por que quer permanecer em uma relação com Y, suas crenças sobre Y são verdadeiras. X conhece os defeitos de Y, que não a engana em nenhum momento, mas faz X sofrer, o que poderia ser julgado como inapropriado nesta sociedade que tem associado amor à felicidade pelo menos desde a modernidade. Logo, se Y faz X sofrer, seja pelo motivo que for, esse sofrimento deve ser eliminado, tratado, curado com terapia ou remédio. Mas vale lembrar que para o romantismo alemão, por exemplo, sofrer fazia parte da experiência amorosa ainda que o sofrimento levasse à morte como no clássico da literatura romântica “Os sofrimentos do

jovem Werther”. Na Grécia antiga, amor também não se definia pela busca da felicidade, era meio para alcançar a sabedoria. Isso quer dizer que julgar as crenças emocionais como apropriadas ou inapropriadas depende das crenças eleitas por determinada sociedade como valiosas. Atualmente, sofrimento não é um valor agregado à experiência amorosa como foi para os românticos alemães. Mas será possível pensar a relação entre amor e sofrimento de outra maneira? Ao comentar o caso de uma mãe que sofreu pela morte da filha que não havia acontecido, mas que ela acreditava ter ocorrido, Nussbaum afirma

nossa avaliação do sofrimento dela deve depender do que pensamos em geral sobre as normas e valores que parece correto manter. A maioria de nós pensa que é justo dar grande importância aos entes queridos e pensar que a morte é tão terrível. (2004, p. 32, tradução minha)

O conceito de emoção de Nussbaum juntamente com o conceito de amor proposto por May é interessante também para avançar na crença mais recente de que amor é um sentimento positivo a priori. Essa é, aliás, uma das questões abordadas pelos pesquisadores de Oxford. Em duas réplicas publicadas em retorno aos seus artigos, Earp et. al (2016; 2017c) respondem a questionamentos sobre o mal uso da palavra amor em função de sua natureza benéfica, diferentemente do tipo de amor apresentado pelos autores em todas as suas publicações. Um dos comentadores (Andrew McGee) sugere, ainda, que a palavra amor seja abolida para que a proposta ética da droga possa ganhar mais atração (Earp et. al, 2016, p.1).

Mas Earp et. al (2016;2017c) recorrem à arte, à filosofia e ao arcabouço cultural do Ocidente para afirmar que amar sempre esteve relacionado a sofrimento, doença ou algo que atrapalhava a ordem social (2016, p. 102) e que

a ideia de que o amor deve ser ‘saudável’ ou até estar relacionado com bem-estar dos amantes a fim de um modo próprio de amar é uma inovação relativamente recente, e isso pode de fato refletir o verdadeiro processo de medicalização que McGee parece inclinado a resistir (Earp.et.al, 2016, p.3, tradução minha)

Entretanto, por mais que os cientistas aceitem o caráter perturbador e nada estável do amor em seus argumentos, eles o fazem para justificar que amar e adoecer sempre estiveram ligados, mas que será possível, em pouco tempo, controlar, curar e até evitar tal incômodo com o uso de uma droga. Não se trata, evidentemente, de aceitar o

sofrimento como parte da experiência amorosa, trata-se de aceitar sua existência para eliminá-la porque agora se pode fazer isso de modo eficaz, controlando os hormônios e os neurotransmissores.

Desassociar amor da aura positivada presente sobretudo na sociedade ocidental a partir da ascensão do amor romântico burguês é importante na análise de como o fenômeno do amor patológico, sob uma perspectiva de gênero, tem se desenvolvido por três motivos: porque permite desnaturalizar o caráter passivo dessa emoção que historicamente tem ratificado seu caráter trágico, violento, instável, que escancara as portas das vulnerabilidades humana; ao desnaturalizar a passividade do amor, estende-se a desnaturalização da passividade também da mulher que ama, o que permite que ações vistas como de descontrole emocional, loucura ou exagero não sejam patologizadas quando manifestadas pelas mulheres; ao incluir aspectos negativos e positivos como efeitos do amor e não escolher um lado ou outro para sua definição torna-se possível pensar o sofrimento amoroso (aquilo que psiquiatras, neurocientistas e a indústria farmacêutica querem tratar com droga) como um importante mecanismo de sinalização vital, uma espécie de competência sensível que possibilita sentir e julgar que algo não vai bem. Como afirma George Canguilhem (2002), sofrimento é sentimento de vida contrariada. Ao invés de tratar a vida contrariada e buscar compreender as emoções, crenças e valores que sustentam essa vida cujo sofrimento é efeito, busca-se silenciar aquilo que denuncia insatisfação. Se é a mulher a potencial consumidora da droga antiamor e é a mulher que atualmente mais sofre de amor patológico, há que se investigar os motivos desse sofrimento e não curar aquilo que anuncia a insatisfação.

Herdeira intelectual do estoicismo, a aposta de Nussbaum não está em viver num estado permanente de vulnerabilidade e de afirmação de valores sejam eles quais forem. Pelo contrário, reconhecer as vulnerabilidades é um elemento fundamental para entendê-las e agir sobre elas não no sentido de eliminar a nossa capacidade de ser afetado pelos eventos externos, mas sim de adquirir certas habilidades estéticas para agir sobre eles⁶.

Emoção e feminismo

No livro “Speaking from the Heart: Gender and the Social Meaning of Emotion” (2010), a professora e pesquisadora de psicologia feminista Stephanie Shields questiona os estereótipos de gênero presentes na maneira como o Ocidente sobretudo a partir do

⁶ Na concepção da autora, as leis servem justamente para nos proteger e proteger os outros das vulnerabilidades a que todos estão expostos.

século XIX tem produzido conhecimento sobre a emoção. Shields lança perguntas como “quem é emotivo?” e “o que significa ser emotivo?”. Assim como Nussbaum, Shields parte de uma perspectiva cognitivista para conceituar emoção, que, para ela, se trata de um processo de atribuição de valor a partir de uma experiência autoconsciente que quebra com o cotidiano e diz respeito a algo que toca alguém individualmente.

O esforço da autora em ressaltar o caráter aprendido das emoções contraria toda uma tradição da psicologia que aposta em seus aspectos biológicos, o que, para ela, serve para reforçar estereótipos de gênero. “A naturalização das emoções tem consequências para como gênero e relações de gênero são construídas no curso da vida diária” (SHIELDS, 2010, p. 9, tradução minha). Ao olhar para a literatura e para a cultura popular explorando as relações entre gênero e emoção, ela nota que o conceito de emoção e emotividade ou emocionabilidade são aplicados de maneira diferente para homens e mulheres, o que acaba relacionando o esquema emocional de gênero ao sistema de poder vigente. Seu interesse está em refletir sobre como a cultura incorpora a emoção em seu sistema de organização social. Para isso, considera, ainda que escassos, estudos da área como os das pesquisadoras Catherine Lutz e Francesca Cancian, por exemplo, na investigação dos paradoxos do Ocidente em relação à emoção. O primeiro deles é o do valor atribuído à própria noção de emoção. Por um lado, ela é desvalorizada em relação à razão, por outro é reconhecida como característica essencial da humanidade (SHIELDS, 2013, p. 424). O segundo diz respeito à estereotipada relação entre emoção e mulher, isto é, a crença de que as mulheres são mais emotivas. A contradição está no fato de que ao mesmo tempo que ser “muito emotiva” (idem) é visto de maneira negativa ser emotiva é um requisito importante para execução de tarefas profissionais e sociais como enfermeira, mãe, professora infantil etc. Em alguns estudos analisando livros de aconselhamento a pais e mães, Shields notou como a maneira de aconselhar homens e mulheres em suas funções de pais e mães em relação às emoções se diferenciava. É mais comum orientar homens sobre como reagir à expressão emocional dos filhos e da esposa, já às mulheres o conselho é de que, embora o cuidado materno seja importante, é preciso também autocontrole para não haver exagero emocional. Em suma, na literatura direcionada à criação dos filhos, os “homens têm emoções e mulheres são emotivas” (SHIELDS, 2013, p. 425).

Mas não é apenas na literatura ou na cultura popular que os estereótipos emocionais de gênero são encontrados. Shields alerta para o fato de que a própria ciência

(com foco na psicologia) reproduz estereótipos de gênero em suas pesquisas, que retornam para a sociedade com ares de verdade e que, ao meu ver, servem para embasar decisões de extrema importância como, por exemplo, a criação de drogas de controle hormonal como a proposta da droga antiamor.

Assim como os cientistas extraíram da cultura popular imagens e estereótipos para seu trabalho, a legitimação científica desses constructos, por sua vez, naturalizaram e reificaram a rede de crenças já contidas na cultura popular (SHIELDS, 2013, p. 426, tradução minha).

Ao analisar como pesquisas no campo da psicologia utilizam estereótipos como dados, Shields observa o padrão de uso do método “autorrelatório retrospectivo” em três casos analisados. Segundo sua avaliação, trata-se de “um método frequentemente propenso a produzir diferenças de gênero consistentes com estereótipos” (ibidem, p. 427, tradução minha). Em nota sobre o método criticado como padrão dessas análises, a autora afirma que o auto relatório pode oferecer, sim, dados válidos em pesquisas se o interesse for investigar as crenças e as narrativas que os indivíduos acreditam ser verdadeiras ou falsas, mas não tomando essas informações como dados confiáveis de comportamento.

Por curiosidade, esse é o mesmo método utilizado pela psiquiatra brasileira Eglacy Sophia no desenvolvimento de sua pesquisa de doutorado, que resultou na criação de um instrumento de medição do grau de amor patológico chamado “Escala do Amor”⁷, que, inclusive, pode ser autoaplicado. Embora não tenha encontrado diferenças qualitativas entre os homens e mulheres diagnosticados com amor patológico, Sophia afirmava antes mesmo do resultado da pesquisa que as mulheres eram as que mais sofriam desse mal. Com o resultado da aplicação do instrumento de avaliação do amor patológico, Sophia afirma que alguns dos motivos que explicam o grande número de mulheres sofrendo são: criação na infância, com possibilidade de abandono emocional; demasiada importância dada a relações amorosas e maior capacidade de cuidar da saúde (o que levaria as mulheres a buscar mais ajuda do que os homens). Em suma, homens e mulheres têm valores e crenças distintas, o que significa dizer que eles amam de modo diferente. Mas por que os homens não sofrem com as diferenças? E por que as mulheres precisam de

⁷ Analiso esse instrumento à luz do pensamento de George Canguilhem sobre o normal e o patológico no texto “De amor se adoce”: uma reflexão sobre as medidas de normalidade no diagnóstico do amor patológico”, apresentado na XVII Jornada PPGSA – IFCS-UFRJ em 2016.

tratamento? Não seria o caso de buscar parceiros que amem como elas? Existem homens que amam como mulheres?

Considerações Finais

“A mulher não tem que pensar, tem que amar”, frase atribuída ao pai do romantismo moderno Jean-Jacques Rousseau no livro “Gênero e cultura: questões contemporâneas” (2004), de Sonia T. Lisboa Cabeda e Neves Strey Marlene.

Três fatores são essenciais para problematizar a maneira como os estereótipos emocionais de gênero são reforçados no discurso do amor patológico e do love addiction: a oposição entre razão (científica) e emoção que hierarquiza os comportamentos e as crenças ligadas a um e a outro subjugando aquilo que diz respeito à emoção; a naturalização da relação entre emoção e o feminino que, ao pressupor a inferioridade da emoção na lógica racional moderna, regula e inferioriza também aquilo que diz respeito à construção do estereótipo da mulher; a histórica construção de uma ideia de amor pautada por valores como passividade, doação, bem-estar, cuidado, ligados a um estereótipo do que é ser mulher em contradição com a valorização social contemporânea de valores como desapego, flexibilidade, liberdade etc.

Assim como Stephanie Shields (2013) e Catherine Lutz (1996) reivindicam posicionamentos de gênero quando se referem a pesquisas que envolvem emoções, pois essas são questões politicamente inseparáveis, registro a importância da discussão de gênero quando se trata especialmente de pesquisar amor, uma emoção que vem sendo contraditoriamente construída e naturalizada à luz de uma imagem do feminino desde pelo menos a modernidade rousseauiana. Por mais que os movimentos feministas tenham possibilitado mudanças significativas em relação a pautas familiares, sexuais, profissionais etc, amor não parece ter sido um assunto de muito interesse até então. Se o modelo de amor herdado do romantismo moderno e pasteurizado pela cultura midiática não serve, e não serve mesmo, há que se debater outras formas de amar compatíveis com os valores e as crenças desta geração de mulheres cuja autonomia afetiva não acompanhou a liberdade sexual. E se já é possível mapear formas alternativas de amar, como relações

abertas e poliamorosas⁸, por exemplo, há que se pensar também nas novas problemáticas emocionais que emergem desses novos arranjos.

Referências bibliográficas

CANGUILHEM, George. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

EARP, Brian et al. **Natural selection, childrearing, and the ethics of marriage (and divorce): Building a case for the neu-roenhancement of human relationships**. *Philosophy & Technology*, 25, 561–587, 2012.

_____. **If I could just stop loving you: Anti-love biotechnology and the ethics of a chemical breakup**. *American Journal of Bioethics*, 13, 3–17, 2013.

_____. **The medicalization of love**. *Cambridge Quarterly of Healthcare Ethics*, 24, 323–336, 2015.

_____. **Love drugs: Why scientists should study the effects of pharmaceuticals on human romantic relationships**. *Technology in Society*, in press, 2017a.

_____. **Addicted to love: What is love addiction and when should it be treated?** *Philosophy, Psychiatry, & Psychology*, Vol. 24, No. 1, 77-92, 2017b.

FREIRE FILHO, João. O poder em si mesmo: jornalismo de autoajuda e a construção da autoestima. In: *Famecos*, Porto Alegre, v. 18, n. 3, 2011.

LUTZ, Catherine A. **Engendered Emotion: Gender, Power, and the Rhetoric of Emotional Control**. *The emotions: Social, cultural and biological dimensions*, p. 151, 1996.

MAY, Simon. **Amor: uma história**. Trad. Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

NUSSBAUM, Martha C. **Hiding from humanity: Disgust, shame, and the law**. Princeton University Press, 2009.

ORTEGA, Francisco. **O sujeito cerebral e o movimento da neurodiversidade**. *Mana [online]*, vol.14, n.2, pp.477-509, 2008.

SHIELDS, Stephanie A. **Gender and emotion: What we think we know, what we need to know, and why it matters**. *Psychology of Women Quarterly*, v. 37, n. 4, p. 423-435, 2013.

SHIELDS, Stephanie A. **Speaking from the heart: Gender and the social meaning of emotion**. Cambridge University Press, 2002.

SOPHIA, Eglacy Cristina. **Amor patológico: características clínicas e de personalidade**. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria). Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Desenvolvimento e validação de um instrumento para avaliar o amor patológico**. Tese (Doutorado em Psiquiatria) - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo; Orientador: Monica Levit Zilberman, 2014.

TAVARES, Francine. **Adoecer de amor hoje: mídia, gênero e estereótipo emocional**. Ibercom, 2017. Disponível em <http://assibercom.org/ebook-ibercom-2017.pdf>.

⁸ Falo sobre esses novos arranjos afetivos e algumas das problemáticas que podem emergir deles no artigo “Tornar-se não-monogâmico num grupo de poliamor carioca” realizado como trabalho final da disciplina Etnografias Urbanas, ministrado pela professora Janice Caiafa, na Eco-UFRJ.